

# Marcel Mauss e Roger Chartier: as técnicas do corpo e o leitor entre limitações e liberdade\*

Anderson Tibau<sup>1</sup>

No profético texto “As técnicas do corpo”, em meio a tantas descobertas, Marcel Mauss (2003; p. 404) revela o cinema enquanto uma via pela qual se disseminavam entre os franceses modos de andar americanos. Concluía Mauss que as posições de braços, assim como das mãos, eram uma espécie de *idiosincrasia social* que nada tinha a ver com a produção meramente individual da maneira como se podia andar. Tal idiosincrasia, por sua vez, relacionava-se à perspectiva da *exis*, daquilo que era adquirido. Era mesmo o *habitus*<sup>2</sup> das disposições do corpo, compreendido como primeiro e mais natural objeto e meio técnico do homem, imerso em variações relativas aos indivíduos e seus contextos sociais, seus universos simbólicos.

Em outro importante texto, intitulado “O leitor entre limitações e liberdade”, Roger Chartier (1998; p. 79) faz perceber que é a partir do momento em que a leitura passa a ser representada pela fotografia e pelo cinema, e não mais tão somente pelas telas e pelas gravuras dos cânones iconográficos, que se desenvolvem e se expandem representações e práticas de leitura mais transgressoras em oposição àquelas que compunham o *habitus* leitor do medievo que tradicionalmente instauravam o silêncio obrigatório, os gestos comedidos, a sagrada concentração. Desse modo, as práticas de leitura migraram dos espaços tidos como lugares legítimos da leitura legítima, ou seja,

---

\* Este é um texto atualizado. Sua versão original integrava o relatório final da pesquisa “O Campo Simbólico da Universidade – os professores, a diversidade cultural e a excelência acadêmica”, desenvolvida numa universidade particular da zona sul da cidade do Rio de Janeiro entre os anos de 2003 e 2005, com apoios financeiros CNPq/Faperj e coordenação da antropóloga e professora emérita do Programa de Pós-graduação em Educação da PUC-Rio, Dr<sup>a</sup> Tania Dauster.

<sup>1</sup> Professor Adjunto do Instituto de Educação de Angra dos Reis da Universidade Federal Fluminense – IEAR/UFF.

<sup>2</sup> Cf. Marcel Mauss (2003: p.404) A palavra exprime, infinitamente melhor que “hábito”, a “*exis*” [hexis], o “adquirido” e a “faculdade” de Aristóteles (que era um psicólogo). Ela não designa hábitos metafísicos, a “memória” misteriosa, tema de volumosas ou curtas e famosas teses. Esses “hábitos” variam não simplesmente com os indivíduos e suas imitações, variam, sobretudo com as sociedades, as educações, as conveniências e as modas, os prestígios. É preciso ver técnicas e a obra da razão prática coletiva e individual, lá onde geralmente se vê apenas a alma e suas faculdades de repetição.

bibliotecas e gabinetes, para outros contextos menos prováveis, impensáveis até então. Com o passar do tempo passamos a ler na rua, na praça, na cama, no ônibus, no trem, na fila, entre tantos outros lugares e tantas outras situações. O fato de poder ler em outros espaços permitiu o desenvolvimento e adoção de formas de leitura próprias, adaptadas às condições, urgências e particularidades de cada leitor. Vejamos o que diz uma das informantes da pesquisa.

Eu leio muitíssimo rápido. Uma vez eu estava no ônibus, em pé, lendo romances policiais franceses. Um cara que estava lá falou – Vem cá, desculpe perguntar, mas a senhora está lendo mesmo? Eu olhei para ele e ele falou – Não, porque a senhora está virando as páginas com tamanha velocidade que eu medi. Eu lia uma dupla página em 21 segundos. (Cíntia, professora do Depto de Psicologia)

A adoção de outros espaços para a prática da leitura só foi possível porque os suportes também se modificaram. Nessa perspectiva, tanto a aparência do livro se alterou como os próprios textos ganharam outros formatos, chegando inclusive ao formato digital através dos *e-books*. Com o lançamento do *iPad*, um *tablet* da *Apple* que engloba num só aparelho música, vídeo, internet, aplicativos e livros, muitos escritores e o próprio mercado editorial passaram a avaliar o futuro de livro em papel e seu suposto fim.

Tendo em vista as perspectivas teóricas de Marcel Mauss e *as técnicas do corpo* e a de Roger Chartier e *o leitor entre limitações e liberdade* é possível perceber que para cada um dos lugares ou situações de leitura o corpo é mediador entre as regras implicadas no ato leitor e as próprias condições físico-espaciais de leitura. Quem lê procede de forma distinta, tanto em termos de uma corporeidade enlevada às delícias da prática assim como submetida às ojerizas da obrigação, quanto das necessidades impressas por fatores que saltam ao conteúdo do texto, sendo assim, o lugar onde se lê, a cultura de leitura, a tradição, a relação pessoal, o gosto adquirido, o objetivo, e também, os cada vez mais variados suportes, ou seja, a materialização do texto seja em forma de livro (em seus diversos formatos), cartazes, *outdoors*, jornais, informativos, muros, *e-books*, etc. Há modos distintos de ler assim como há vários contextos de/para leitura. Uma poesia declamada deve ser lida com a emoção performática da interpretação dirigida a determinado público, a certa

audiência. A “primeira leitura” numa missa é lida com a concentração religiosa da fé dirigida aos que nela creem. Uma carta de amor, em geral, requer a solidão e o silêncio apaixonado do amante.

A leitura incorre em certas limitações e liberdades. Apesar de o texto delimitar o território do acabamento objetivo, expressando o pensamento do autor, ele também está eternamente aberto, em virtude da relação de conversação e diálogo estabelecida pelo leitor. Para Chartier:

A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. (...) o leitor é um caçador que percorre terras alheias. Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui o seu autor, seu editor ou seus comentadores. Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro (...) (CHARTIER, Roger; p. 77).

Busco evidenciar certos nexos entre as técnicas do corpo relacionadas às práticas de leitura tendo por base toda a variabilidade referente às idiosincrasias das situações leitoras, bem como dos suportes textuais dispostos ao leitor. Gostaria de pensar, então, em três dimensões da prática de leitura. A primeira, relacionada aos espaços e situações de leitura, o que, levando em consideração as circunstâncias e o *habitus* leitor, implicaria na adoção de modos de realizar distintos e específicos. Como exemplos, teríamos o culto, a missa, o sarau, uma aula, uma solenidade, uma brincadeira, o estudo, etc. A segunda dimensão consideraria as limitações ou liberdades oriundas do suporte de leitura, isto é, um livro de bolso, uma carta, um jornal, uma fotocópia, uma bula de remédio, uma receita de bolo, o *script* de uma peça, um discurso de formatura, um grafite no muro, uma tese de doutorado, um texto para a aula de antropologia, um livro de contos eróticos, uma mensagem de *e-mail* ou um torpedo via SMS, etc. A última dimensão se referiria à transcendência relativa possibilitada ao leitor, e tão somente a cada leitor de cada vez, quando esse estivesse experimentando uma relação íntima com a leitura, ou seja, a viagem.

Eu levei tempo demais na minha vida para descobrir como Heródoto era engraçado e foi uma pena, porque, já que era para ler clássico, porque não deram um clássico extremamente engraçado para ler? A queixa sistemática que eu faço é um pouco disso. Alguns livros são deliciosos. E os clássicos não são clássicos à toa. 'A odisséia' de Homero, por exemplo, as pessoas diziam que era tema de novela e que não tinha a profundidade de Platão. Hoje em dia, entretanto, já virou um pilar... (Jorge, professor do Deptº de Matemática)

Aqui se enfatiza os deslocamentos subjetivos e/ou projetivos realizados durante a leitura, o que implicaria pensar na liberdade de cada leitor, na sua capacidade inventiva e de conversação, na possibilidade de criar outros textos a partir do texto lido: as “terras alheias” aonde chegam os leitores em sua viagem pela leitura como indicou Roger Chartier.

Compreendendo as situações de leitura em suas possibilidades simbólicas de forma relativa às necessidades concretas de adequação e ambientação, lançar mão de uma técnica de corpo é considerar a sua eficácia objetiva articulada aos espaços-tempos de realização com todas as suas regras pré-estabelecidas ou improvisadas, não havendo uma forma exclusiva de leitura: aqui se lê utilizando uma técnica que ali parece ser inconcebível; o modo como posso ler um livro pode não ser o mesmo como lerei outro; não devo ler uma novela como leio um texto científico. A leitura é uma espécie de ato montado e, por isso mesmo, obedece a um sistema de montagens simbólicas. Nesse sentido, Mauss esclarece:

Olhemos para nós mesmos, neste momento. Tudo em nós todos é imposto. Estou a conferenciar convosco; vedes isso em minha postura sentada e em minha voz, e me escutais sentados e em silêncio. Temos um conjunto de atitudes permitidas ou não, naturais ou não. Assim, atribuiremos valores diferentes ao fato de olhar fixamente: símbolos de cortesia no exército, de descortesia na vida corrente (MAUSS, Marcel; p.408).

Acreditando na ideia de leitura enquanto ato montado, ou seja, pertencente a um sistema de montagens simbólicas, pode-se dizer que não há nada de natural acerca das formas de leitura adotadas/praticadas/incorporadas nas suas mais diferenciadas práticas, individual ou coletivamente, em uma sociedade. Assim como muitos outros atos que envolvem uma gramática do corpo, a leitura e suas práticas se encontram numa perspectiva relacional. As distintas práticas de leitura implicam técnicas de corpo adquiridas nas

interações/mediações com situações leitoras, seja nos interstícios da socialização primária ou nos seguidos momentos socializadores secundários, enfim, quando os indivíduos encontram-se imersos numa teia de significados e ancorados num sistema de montagens simbólicas. Este é o campo do saber que se constitui e se expressa em situações práticas em forma de *habilis*<sup>3</sup> adquiridas nas instâncias socializadoras pelo acúmulo de sociabilidades, isto é, formas de interação necessárias à competência leitora. Em muitos depoimentos os informantes da pesquisa mencionaram a influência leitora em sua socialização, adquirindo e acumulando desde a infância um estoque eficaz e significativo de práticas de leitura. Vejamos o exemplo a seguir:

Eu aprendi a ler muito cedo porque morava numa cidadezinha do interior, durante a Segunda Guerra Mundial. E estudava numa escola rural, pequena... ensino fundamental. A gente era várias turmas na mesma sala. E aí logo me interessei, com quatro anos e meio, me interessei pela turma que estava aprendendo a ler, e aprendi a ler, entende? Então, isso foi para mim uma enorme vantagem quando eu aprendi a ler... Enquanto normalmente se aprende a ler com seis, sete anos, eu aprendi com quatro anos e meio. Isso me valeu muito. Eu sempre li muito e uma das coisas mais importantes sobre leitura na minha vida, foi por volta dos sete anos de idade... um livro que estava, não tinha livraria, era assim um bazar e vendia de tudo... Na vitrina... era um livro sobre a mitologia grega. E na capa, tinha, o Prometeu com a águia devorando o fígado. Eu fiquei vidrada nessa imagem... eu queria saber essa história. Então comecei a aporrinhar minha mãe, já que o meu pai era prisioneiro de guerra na época, aporrinhar minha mãe para ela me comprar esse livro. E ela comprou. Eu já tinha lido... (Cíntia, professora do Deptº de Psicologia)

Observamos, então, a noção de aquisição do chamado gosto pela leitura. Ler, nesse caso, seria um hábito cultivado desde muito cedo mediante as situações socializadoras propiciadas pelo ambiente familiar, assim como por outros ambientes, ou seja, a escola, o grupo da igreja, a universidade, a cidade, etc. Percebe-se que à medida que se adquire esse gosto, a leitura é incorporada como uma técnica para o deleite, para a distração, para o trabalho, para a pesquisa, para o estudo, enfim, para a educação de forma ampla. Em outras palavras, uma vez tendo sido adquirida enquanto um elemento importante e significativo, a leitura enquanto prática expressa pelo

---

<sup>3</sup>Cf. Marcel Mauss (2004: p.410/411) A palavra latina "*habilis*" é melhor para designar as pessoas que têm o senso de adaptação de seus movimentos bem coordenados a objetivos, que têm hábitos, que "sabem como fazer".

gosto adquirido, pode ser compreendida como meio ou técnica de construção de valores que transcendem a uma representação única e estéril da rotina do leitor.

Eu lembro, olha só, gosto adquirido; eu lembro da minha mãe na década de 60 guardando revista velha com suplemento especial, “A Antártida”, essas coisas, porque um dia os garotos iriam recortar para fazer trabalho de colégio, sabe? Era uma viagem. Eu lembro claramente, eu fazendo doutorado em Nova York e encontrando numa pilha de lixo um metro de National Geographic e pensando: vou levar isso que um dia minha filha vai fazer um trabalho no colégio... (Jorge, professor do Deptº de Matemática)

A leitura pode ser interpretada enquanto um capital inestimável e aqueles que a adquirem destacam-se tanto pelo papel que desempenham como leitores *stricto sensu*, quanto pelos usos que podem fazer da leitura nas suas mais vastas situações pessoais e/ou coletivas ou na própria constituição de valores. Segundo a Professora Helena, ao caracterizar o trabalho do professor, a leitura revela toda a sua sensibilidade com as coisas do mundo, seus valores, sua noção de profissional, sua noção de ética.

Quando eu ensino Nietzsche, que é um autor que eu gosto muito, eu não tenho dificuldade nenhuma... É uma maravilha aquilo, eu mostro aquilo ali para os alunos, os alunos ficam estatelados... Às vezes eu abro o livro e leio... Prazerosamente com os alunos. E aquilo é tão maravilhoso... E eu fico emocionada e eles se emocionam também. O professor só faz isso. Por isso ele não precisa ser um cara super culto, super erudito. Ele tem que ser um ser humano, sincero e ético. É o que eu acho. (Helena, professora do Deptº de Filosofia)

Um aspecto importante dentro da perspectiva da leitura enquanto gosto adquirido é o fato de que não só o ato de ler passa a compor um acervo das práticas e ao mesmo tempo das técnicas, conquanto os próprios textos e autores, e com estes também os valores agregados adquiridos a partir deles, compõem o bem ou o patrimônio de cada leitor no percurso da sua vida pessoal e/ou profissional e que, por isso, podem ser compartilhados. Nesse sentido, as pessoas podem se distinguir pelo que leem, pelas referências que possuem em termos dos autores lidos, pelo nível e número de informação e conhecimento que adquirem ou que podem acumular/acionar enquanto leitores/mediadores na formação de outros/novos leitores. A leitura pode

figurar enquanto um elemento de distinção social, assim como o próprio fato de ser ou não leitor.

Na minha família as pessoas liam muito. Eu tive essa oportunidade. Minha mãe lia muito... eu me lembro da minha mãe lendo muito. Tinha a biblioteca privada que ela dizia que a gente não podia ler, e é claro que a gente lia e sabia muito do que não podia ler. Mas era assim, lá em casa se lia muito... e o contato com a leitura de Monteiro Lobato decisivamente mudou a minha vida... a descoberta da literatura eu fiz quando mal estava alfabetizada, e foi lendo a obra dele. Li de uma tacada porque eu adoeci e perdi quase um semestre de aulas. Quando eu tinha oito anos, nesse período, ganhei toda a coleção de Monteiro Lobato e li toda em um semestre. E li o que entendi... eu já estava alfabetizada há bastante tempo, na verdade eu fui alfabetizada com meus quatro, meus cinco anos então eu já dominava bastante bem a leitura então eu acho que isso foi decisivo a paixão pela leitura, a paixão pelo conhecimento eu devo a Monteiro Lobato, ele é um divisor de águas mesmo na minha vidinha pequenininha lá, eu tenho consciência absoluta que o mundo rasgou para mim, o horizonte, o mundo rasgou para mim lendo Monteiro Lobato. ... Foi um presente do meu padrinho. (Joana, professora do Deptº de Letras)

Outro ponto relevante, assim parece, diz respeito ao fato de que além dos saberes associados à montagem desse acervo de *habilis*, estas por sua vez também são acumuladas em virtude mesmo dos distintos suportes de leitura e da própria relação de saberes que estes implicam. Deparar-se com novas situações de leitura significa trazer à tona todas as possibilidades em termos de limitações e liberdades ou mesmo criar, à luz de um sistema de montagens simbólicas e significativas mais englobador que norteasse cada indivíduo em seu contexto cultural, outras formas originais, livres e específicas para o desempenho eficaz e competente como leitor. Dito isto, se posso ler um livro sentado no banco da praça e lançar mão das técnicas corporais necessárias a esta prática de leitura, é porque o suporte assim o permite, porque adquirir as *habilis* necessárias a esse fim e porque na cultura em que me insiro esta é uma possibilidade. Para ler sentado no banco da praça ou em qualquer outro lugar dispensando uma bancada, uma mesa, uma poltrona confortável, ou certo clima introspectivo, isso se dá fundamentalmente porque o formato do livro o propicia, assim como o texto e o contexto em si, o objetivo da leitura, o ânimo do leitor. Em outro exemplo, para ler um texto eletrônico na tela de um computador é preciso lançar mão dos meios pelos quais este texto é possível em termos de legibilidade e inteligibilidade e, de fato, extrapolar todas as

normas dirigidas às práticas de leitura em outros suportes. Sobre este último exemplo, Roger Chartier comenta:

O novo suporte do texto permite usos, manuseios e intervenções do leitor infinitamente mais numerosos e mais livres do que qualquer uma das formas antigas do livro. No livro em rolo, como no códex, é certo, o leitor pode intervir. Sempre lhe é possível insinuar sua escrita nos espaços deixados em branco, mas permanece uma clara divisão, que se marca tanto no rolo antigo como no códex medieval e moderno, entre a autoridade do texto, oferecido pela cópia manuscrita ou pela composição tipográfica, e as intervenções do leitor, necessariamente indicadas nas margens, como um lugar periférico com relação à autoridade. Sabe-se muito bem – e você sublinhou os usos lúdicos do texto eletrônico – que isto não é mais verdadeiro. O leitor não é mais constrangido a intervir na margem, no sentido literal ou no sentido figurado (CHARTIER, Roger; p. 88-89).

Voltando a Marcel Mauss, as técnicas do corpo se dividem e variam por sexo e idade, obedecendo a uma enumeração biográfica que abrangeria as técnicas do nascimento e da obstetrícia, técnicas da infância, técnicas da adolescência e técnicas da vida adulta. A partir dessa enumeração biográfica notamos que Mauss busca nas distintas etapas da vida uma organização explicativa para os atos, ligando-os aos diferenciados momentos da dinâmica de aquisição de *habilis* eficazes ao desempenho cotidiana de homens e mulheres, sejam eles crianças, adolescentes ou adultos. Nesse sentido, as técnicas da infância englobariam a criação e a alimentação da criança, o desmame e a criança após o desmame. Quanto às técnicas da vida adulta, essas estariam relacionadas ao sono, vigília, atividade/movimento, cuidado com o corpo, consumo, reprodução e, por fim, técnicas de medicação.

Se tomarmos o ato de ler de forma relativa, assim como bem expressam nossos informantes, as práticas de leitura são adquiridas, montadas e remontadas ao longo da vida, em dinâmicas individuais e coletivas, dentro de sistemas simbólicos, portanto adquiridas, aprendidas, criadas, dispensadas, desde a vida infantil, assim como nos períodos adolescente e adulto. Segundo Carmem, professora do Departamento de Serviço Social, ao se referir a seu pai, “era um sujeito genial. Lia muito e eu peguei o gosto da leitura com ele. Conversávamos muito... ele era uma figura interessantíssima, fantasiava adoidado, contava histórias e eu ficava encantada com aquilo...”

O indivíduo estabelece relação com a leitura sendo leitor, ao acumula no decorrer das etapas da vida *habilis* específicas às leituras numa espécie de economia das habilidades adquiridas, ou *habitus* leitor. O leitor é um papel social aprendido e incorporado pela interação e convívio com a leitura, pela aquisição do capital simbólico no âmbito familiar, seguindo um fluxo onde se acumulam montagens e remontagens, também simbólicas. É como se desde a infância uma determinada *habilis* fosse montada e remontada pelas formas de interação até o momento em que ela mesma se tornasse o resultado ou uma nova/outra técnica, um novo/outro modo, uma nova/outra prática, não por substituição, mas pelo desenvolvimento de um acervo de técnicas.

Nota-se que tais montagens e remontagens tornam-se possíveis porque o indivíduo, ao longo da sua vida, estabelece relações diferenciadas com a leitura, o que pressupõe infinitas redes de interação com o saber ser leitor. O papel de leitor que cada um representa é o resultado, sempre provisório, da *habilis* acumulada, das técnicas adquiridas, das representações e práticas. Em uma palavra, o próprio *habitus* leitor. Desse modo, a leitura pode se caracterizar de acordo com os interesses do leitor, ou seja, para a distração quando se deseja “passar o tempo”, fruição quando ela se associa à aquisição de conhecimentos específicos que poderão ser compartilhados por outros, informação quando a partir dela acessa-se o universo das notícias em geral, relaxamento quando a motivação é preparar-se para o sono ou para o descanso, ofício e trabalho quando destinada à preparação da aula, ou até mesmo para a compulsão quando se lê absolutamente tudo o que há pela frente, simplesmente para o atendimento ao desejo exacerbado de ler.

Resumidamente, a leitura enquanto ato de ler seria um espaço/tempo de mediação entre o leitor e o texto, o espaço/tempo liminar entre ambos. Nesse espaço/tempo liminar, o leitor viveria a possibilidade de interagir, se apropriar e intervir no/com o texto, lançando mão de sua *habilis*, recorrendo ao acervo do seu *habitus*.

Levando em consideração a relação entre as técnicas do corpo e o leitor entre limitações e liberdade, para cada tipo de leitor que se deseja ser, que se aprende ser ou que se sabe ser, há um vasto sistema de montagens simbólicas sendo acionado. Não nascemos leitores, portanto o mundo da

leitura nos é dado à medida que nos damos a ele também. E os modos de lidar com a cultura letrada, seguirão, assim como já foi dito, fluxos de montagens e remontagens simbólicas, desde a infância até a vida adulta, aprendendo com a felicidade dos que podem dar-se à leitura das letras, que entre o texto e o leitor existe um universo vasto, impossível mesmo, uma terra alheia a ser explorada a cada nova palavra, a cada nova frase, a cada novo parágrafo, a cada nova página, a cada novo texto, a cada novo suporte, a cada nova situação, a cada novo leitor.

### **Referências Bibliográficas**

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro – do leitor ao navegador*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.